

uepb

Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

FABIANA ARAUJO FERREIRA

Práticas de leitura na alfabetização: entre os desafios da docência e o aprendizado dos (as) alunos (as)

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FABIANA ARAUJO FERREIRA

Práticas de leitura na alfabetização: entre os desafios da docência e o aprendizado dos (as) alunos (as)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araujo

CAMPINA GRANDE – PB

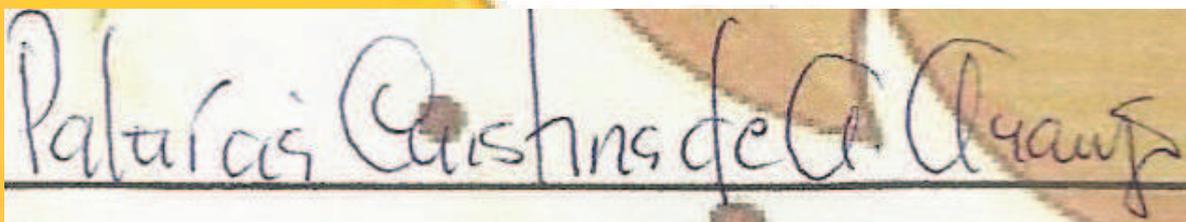
2012

FABIANA ARAUJO FERREIRA

Práticas de leitura na alfabetização: entre os desafios da docência e o aprendizado dos (as) alunos (as)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 18 / 06 / 2012

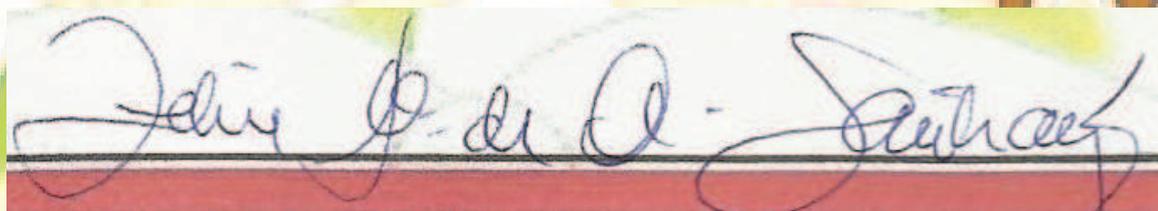


Patrícia Cristina de Aragão Araujo

Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araujo

(DH/ CEDUC/ UEPB)

Orientadora

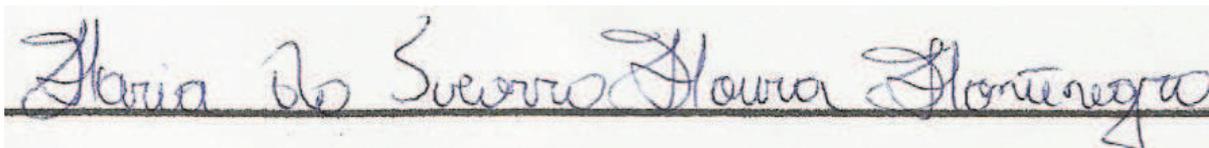


Zélia Maria de Arruda Santiago

Profª. Drª. Zélia Maria de Arruda Santiago

(DE/ CEDUC/ UEPB)

Examinadora



Maria do Socorro Montenegro

Profª. Ms. Maria do Socorro Montenegro

(DE/ CEDUC/ UEPB)

Examinadora



F413p

Ferreira, Fabiana Araújo.

Práticas de leitura na alfabetização [manuscrito]: entre os desafios da docência e o aprendizado dos (as) alunos (as) / Fabiana Araújo Ferreira. – 2012.

47 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof^ª. Ma. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História”.

1. Prática de leitura. 2. Alfabetização. 3. Prática docente. 4. Aluno. I. Título.

21. CDD 371.33

Dedicatória

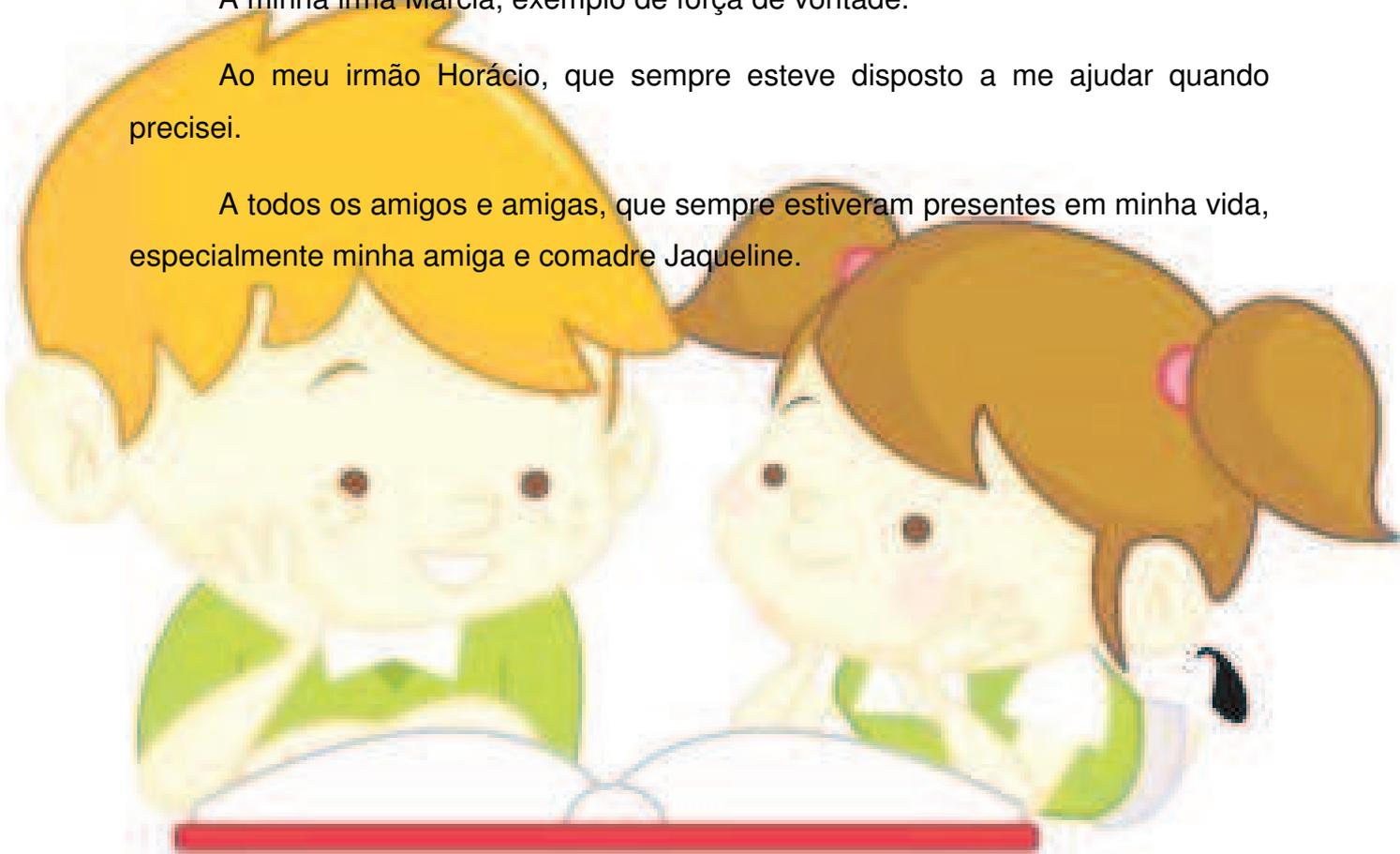
A Deus, minha maior fonte de inspiração.

A todos familiares, que torceram por mim e me incentivaram, em especial, meu irmão Severino, que mesmo não estando mais entre nós, tenho certeza de que está sempre ao meu lado.

A minha irmã Márcia, exemplo de força de vontade.

Ao meu irmão Horácio, que sempre esteve disposto a me ajudar quando precisei.

A todos os amigos e amigas, que sempre estiveram presentes em minha vida, especialmente minha amiga e comadre Jaqueline.



Agradecimentos

A Deus, pela graça deste trabalho e pela conclusão desta graduação.

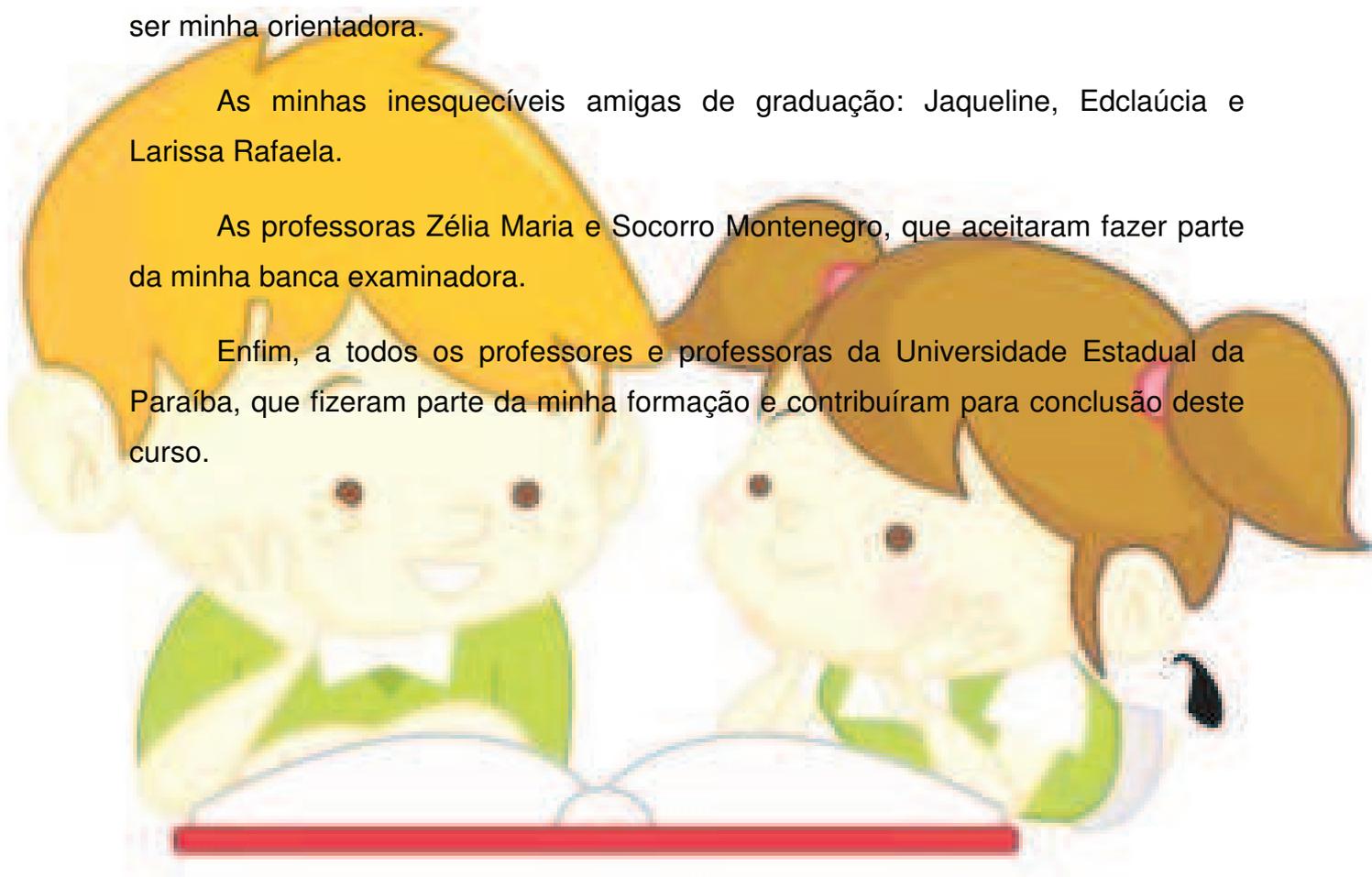
A minha família, em especial, meus pais, que sempre se sacrificaram para garantir meus estudos.

A professora Patrícia Cristina, por ter colaborado com este trabalho, aceitando ser minha orientadora.

As minhas inesquecíveis amigas de graduação: Jaqueline, Edcláucia e Larissa Rafaela.

As professoras Zélia Maria e Socorro Montenegro, que aceitaram fazer parte da minha banca examinadora.

Enfim, a todos os professores e professoras da Universidade Estadual da Paraíba, que fizeram parte da minha formação e contribuíram para conclusão deste curso.



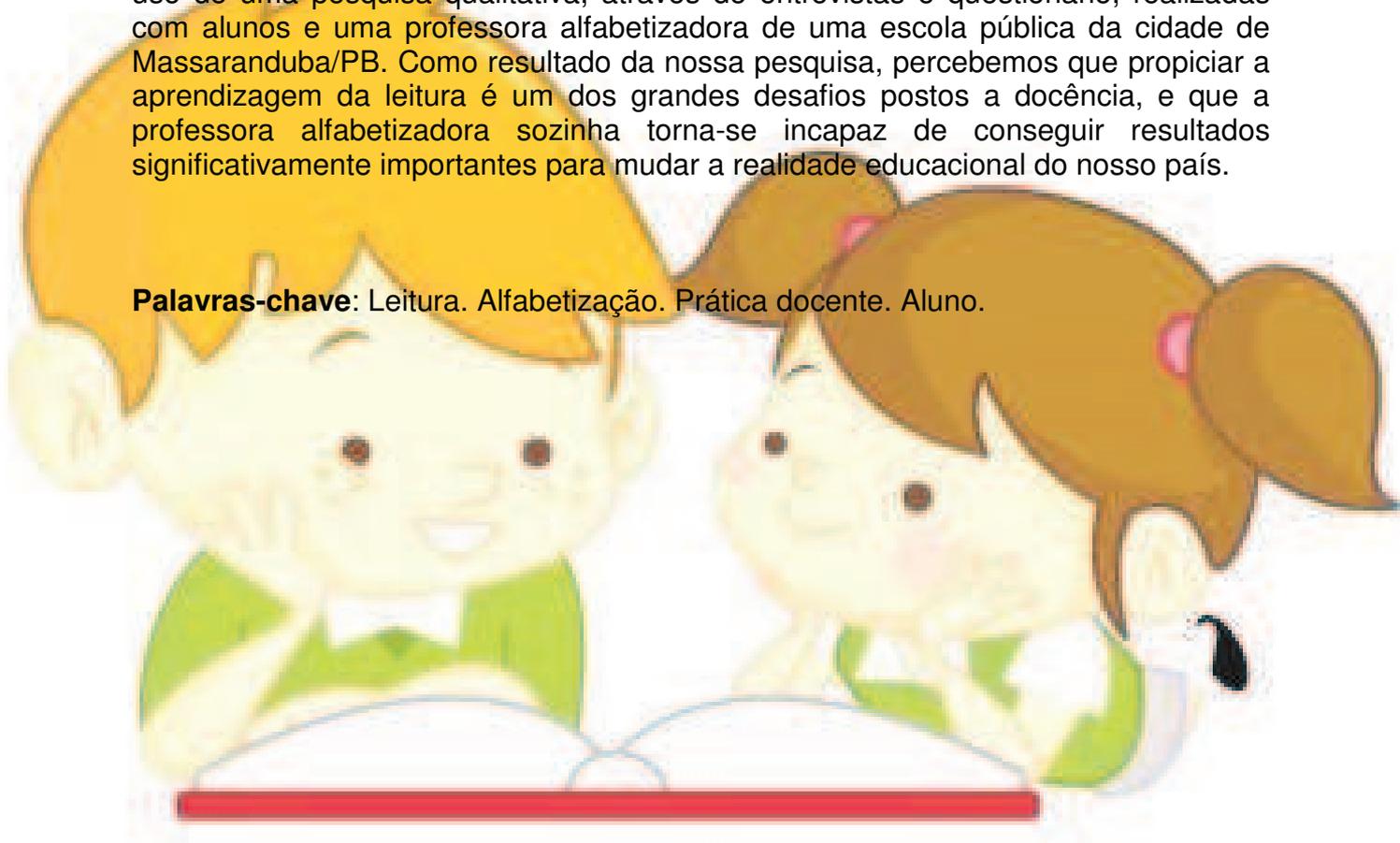


“O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora.” (Richard Bamberger)

Resumo

O fracasso na aprendizagem da leitura é um dos temas mais discutidos na atualidade. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo investigar como a leitura está sendo desenvolvida no 1º ano das séries iniciais (alfabetização), e como o professor (a) alfabetizador (a) através de sua prática pedagógica cotidiana propicia aos seus alunos (as) essa aprendizagem. Nossa proposta é relacionar teoria e prática, e como referencial teórico que nos serviu de baliza em nosso trabalho estão os estudos de Magda Soares (2010), Paulo Freire (2003), Emília Ferreiro (2010), Ana Teberosky (2003), entre outros. Como encaminhamento metodológico fizemos uso de uma pesquisa qualitativa, através de entrevistas e questionário, realizadas com alunos e uma professora alfabetizadora de uma escola pública da cidade de Massaranduba/PB. Como resultado da nossa pesquisa, percebemos que propiciar a aprendizagem da leitura é um dos grandes desafios postos a docência, e que a professora alfabetizadora sozinha torna-se incapaz de conseguir resultados significativamente importantes para mudar a realidade educacional do nosso país.

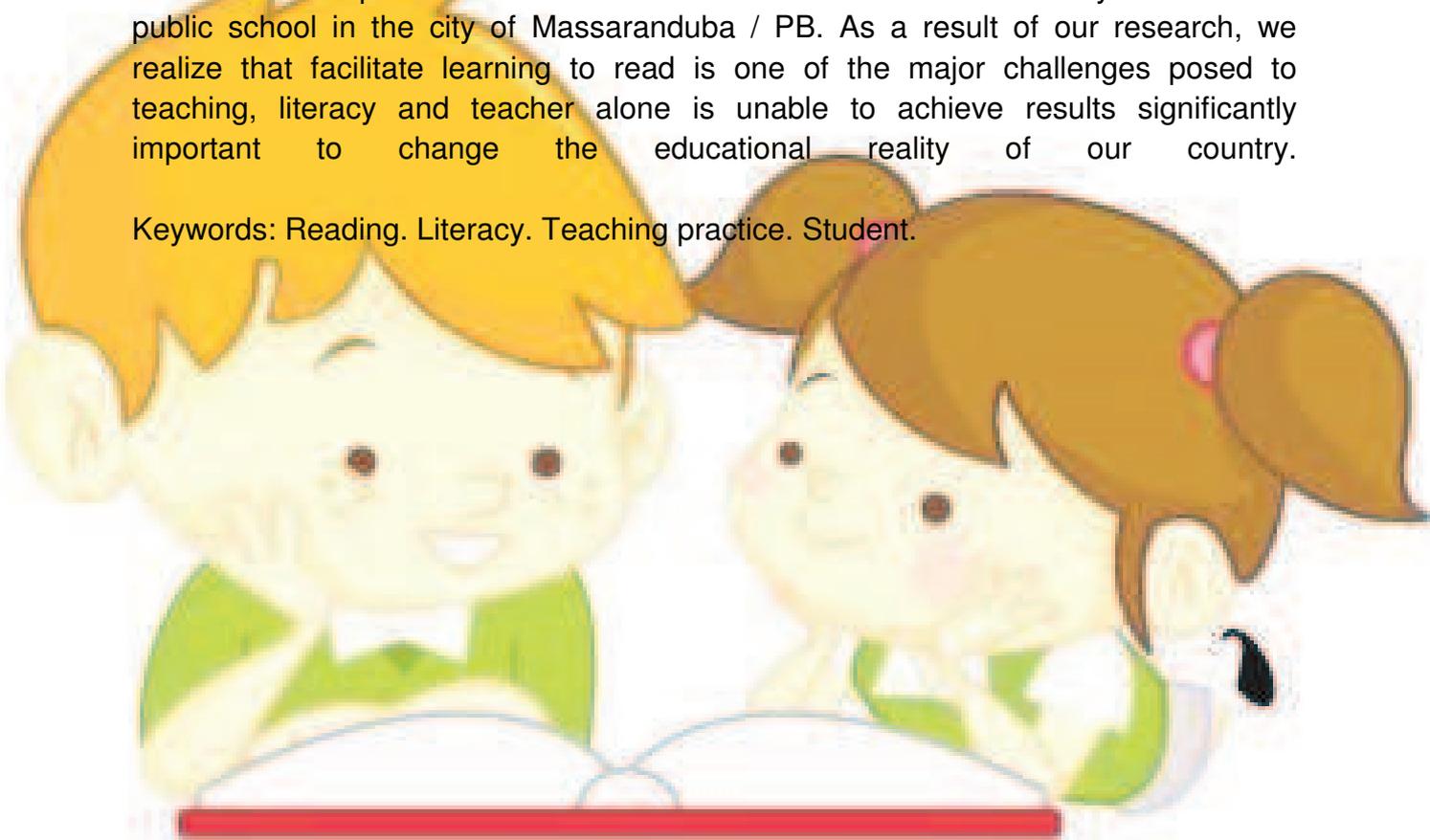
Palavras-chave: Leitura. Alfabetização. Prática docente. Aluno.



Abstract

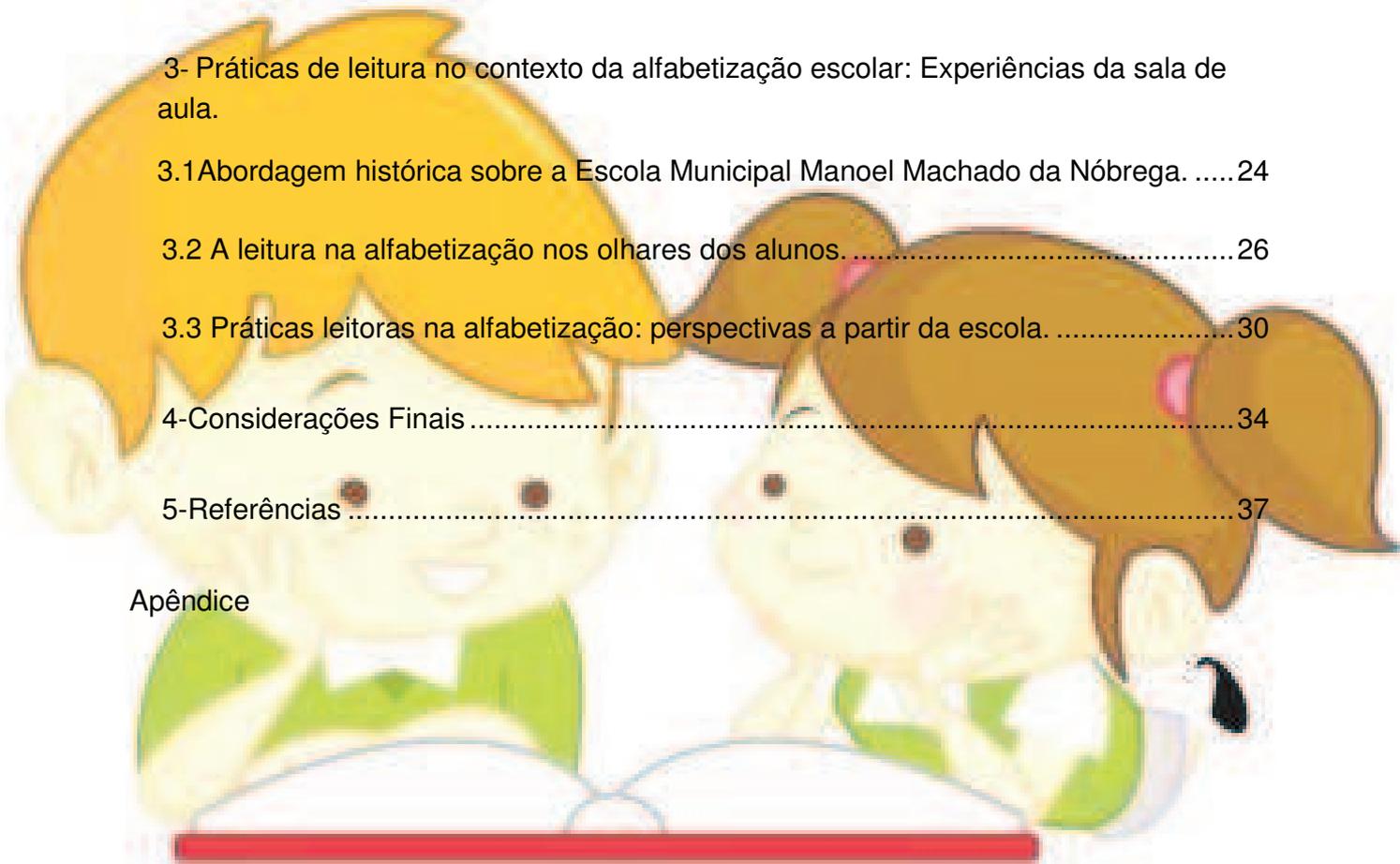
The failure in learning to read is one of the most discussed topics in the news. Thus, this study aims to investigate how reading is being developed in the 1st year of the initial series (literacy), and how the teacher (a) literacy (a) through their daily practice offers its students (as) this learning. Our proposal is to link theory and practice, and as a theoretical framework that was our goal in our work are studies of Magda Soares (2010), Paulo Freire (2003), Emilia Ferreiro (2010), Ana Teberosky (2003), among others . How routing methodology we used a qualitative research through interviews and questionnaires conducted with students and a literacy teacher in a public school in the city of Massaranduba / PB. As a result of our research, we realize that facilitate learning to read is one of the major challenges posed to teaching, literacy and teacher alone is unable to achieve results significantly important to change the educational reality of our country.

Keywords: Reading. Literacy. Teaching practice. Student.



Sumário

1-Introdução	11
2- O ato de educar e as formas de ensinar na alfabetização: pensando a prática docente e aprendizado dos alunos	
2.1 A alfabetização e os desafios da docência: saberes e práticas da sala de aula ..	16
2.2 A aprendizagem da leitura na alfabetização	21
3- Práticas de leitura no contexto da alfabetização escolar: Experiências da sala de aula.	
3.1 Abordagem histórica sobre a Escola Municipal Manoel Machado da Nóbrega.	24
3.2 A leitura na alfabetização nos olhares dos alunos.	26
3.3 Práticas leitoras na alfabetização: perspectivas a partir da escola.	30
4-Considerações Finais	34
5-Referências	37
Apêndice	



1. Introdução

A necessidade de formar leitores capazes de interpretar o que leem é algo muito discutido atualmente. Um exemplo disso são os testes padronizados como o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), a Provinha Brasil e outros, nos quais o aluno é avaliado em sua capacidade de ler e compreender as informações trazidas pelo texto.

Esses testes partem do pressuposto de que é através da avaliação, que se pode melhorar a qualidade do ensino no Brasil e diante disso, tentam identificar as habilidades e competências dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Na prova de língua portuguesa, são avaliadas apenas habilidades de leitura, ou seja, verifica-se principalmente se o aluno é capaz de fazer uma leitura crítica, se ele consegue realmente compreender o que está lendo e não fazer apenas uma mera decodificação.

Sabemos que, diante das atuais exigências de uma sociedade do conhecimento, da informação, da globalização, a leitura configura-se como algo imprescindível para conviver. Cada vez mais, exige-se a formação de leitores proficientes capazes de posicionar-se de modo consciente diante de situações do seu cotidiano. Esse tipo de leitura interpretativa deveria ter início no processo de alfabetização, em que o aluno, além de extrair informações da escrita, começaria a atribuir significado à leitura, desenvolvendo uma postura crítica, atendendo assim as exigências de uma sociedade letrada.

Para tentar entender o que está acontecendo no processo de alfabetização, nosso objetivo é, em primeiro lugar, compreender a prática docente da professora alfabetizadora no desenvolvimento da leitura de alunos/alunas numa turma de 1º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Essa questão sugere que atuais e futuras educadoras, conheçam como esse processo de formar leitores críticos está sendo trabalhado desde o início da alfabetização, a fim de contribuir de forma significativa para prática pedagógica em sala de aula. Como um grande número de alunos não está conseguindo desenvolver suas habilidades para a leitura, torna-se necessário levantar dados que possam ajudar a escola a utilizar alternativas de intervenção docente mais eficaz no processo de letramento.

O letramento abrange a capacidade de o sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, no que se refere não só à relação com o texto escrito, mas também à relação com o texto oral (CARVALHO e MENDONÇA, 2006, p10)

Nessa perspectiva buscaremos discutir de que maneira no cotidiano da escola a professora alfabetizadora constrói meios para que a prática leitora seja incentivada na sala de aula, identificar a partir da percepção da professora e das visões dos alunos e alunas como as práticas de leitura são desenvolvidas no contexto escolar, verificar como essas práticas são desenvolvidas entre turmas do 1º ano das séries iniciais e analisar os métodos utilizados pela professora/alfabetizadora.

Como questões orientadoras da pesquisa elaboramos os seguintes questionamentos:

- De que maneira as práticas de leitura no contexto 1º ano das séries iniciais propiciam a formação leitora do aluno?
- Como a docente em sua prática pedagógica cotidiana propicia a formação de um leitor proficiente a partir das práticas de leitura na sala de aula?
- Quais as dificuldades vivenciadas pelo professor (a) nos anos iniciais, em especial, a professora alfabetizadora no que concerne motivar a prática leitora entre seus alunos/alunas?

Nesse sentido, nossa proposta é relevante na área pedagógica, bem como para os cursos de pedagogia, pois sabemos que as exigências contemporâneas demandam que os cursos de formação docente que se preocupem com a atuação do professor pesquisador. Investigar como o trabalho realizado no processo de alfabetização pode contribuir para que futuras pedagogas aperfeiçoem habilidades inerentes à pesquisa e se apropriem de informações importantes sobre a atividade docente.

Também é de extrema relevância para a sociedade, a formação de leitores críticos que saibam quando e como reivindicar seus direitos, posicionar-se de maneira crítica diante das injustiças sociais, ou seja, leitor para uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, a leitura se configura como um passaporte para a

reflexão dessas questões sociais, e instrumento indispensável para a transformação dessa sociedade. Os dados coletados nesse estudo poderão ser utilizados como ponto de partida para a busca de alternativas de intervenções pedagógicas que contribuam para o processo de alfabetização.

A alfabetização é a criação ou montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para sobre ou sobre o alfabetizando. Ai tem ele um momento de sua tarefa criadora. (FREIRE, 2003, p 39).

Nessa visão freiriana, alfabetizar é muito mais do que apenas transmitir conhecimentos, mas, é dar ao educando a oportunidade de construir seu próprio conhecimento, e fazer uso dele no seu dia a dia, e a leitura por sua vez, tem um papel importantíssimo nessa construção. Nesse sentido tentaremos compreender de que maneira a prática da professora do 1º ano das séries iniciais possibilita no contexto da sala de aula o desenvolvimento da leitura e como a professora desenvolve uma ação pedagógica que propicie o aprendizado da leitura e motive a prática de leitura pelos alunos na sala de aula do 1º ano.

Além desses sujeitos da pesquisa, professora e alunos, realizamos leituras com autores que desenvolvem estudos e pesquisas com a temática trabalhada neste estudo, leitura, alfabetização e prática docente, para que pudéssemos através deles construir nosso objeto de estudo.

Como referencial teórico que possibilitou balizar nosso estudo trabalhamos com: Magda Soares (2010), para discutir a questão do letramento na alfabetização, Paulo Freire (2003), para pensar a prática pedagógica da professora, Emília Ferreiro (2010) e Ana Teberosky (2003), trabalhamos as questões relativas à alfabetização dentro de uma perspectiva construtivista e com Frank Smith (1989) trabalhamos a leitura no contexto da sala de aula, entre outros que também fizeram parte do corpo desta pesquisa.

Como abordagem metodológica utilizamo-nos da pesquisa qualitativa, através do uso de entrevistas, contendo cinco questões feitas com 20 alunos de uma turma de 1º ano dos anos iniciais, de uma escola pública da cidade de Massaranduba/ PB. Além desses alunos, aplicamos um questionário contendo sete questões com a professora da sala no intuito de perceber qual seu posicionamento em relação às

práticas leitoras dos alunos e alunas que ensina, suas dificuldades no cotidiano de sala de aula enquanto docente, a participação e/ou ausência das famílias nas questões relativas às leituras dos alunos, bem como as dificuldades que eles sentem em relação ao material didático.

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. (NEVES, 1996, p 1).

Deste modo a pesquisa qualitativa nos permite desenvolver nosso trabalho em quatro etapas, que consistiram da seguinte maneira: inicialmente entramos em contato com a diretora da escola para falarmos sobre a possibilidade de realizarmos nossa pesquisa na instituição, em seguida conversamos com a docente da sala sobre nossa proposta de trabalho e a mesma nos propiciou a abertura para fazermos a pesquisa com ela e os alunos através do uso de questionário e entrevista, conforme colocamos anteriormente. Posteriormente, observamos a sala e o comportamento dos alunos com relação à leitura e a ação pedagógica dela neste processo.

Após esses momentos, realizamos as entrevistas com os alunos no contexto da sala de aula, utilizando um gravador para que pudéssemos captar com melhor precisão o posicionamento e fala deles com relação às questões que havíamos elaborado e assim fazermos as transcrições, em seguida aplicamos o questionário com a docente, pois a mesma, devido as suas atividades não se sentiu à vontade para responder a entrevista, considerando melhor o questionário. Ao final da coleta dos dados obtidos na escola através da observação, aplicação de questionário e entrevista, partimos finalmente para a análise dos dados.

Este trabalho está organizado em uma introdução e mais dois capítulos, a saber: no segundo capítulo intitulado de “O ato de educar e as formas de ensinar na alfabetização: pensando a prática docente e aprendizado dos alunos”, decorremos acerca das questões relativas à alfabetização, pensando o papel da docência, seus dilemas e desafios no sentido de propiciar uma aprendizagem significativa entre os alunos, neste capítulo também abordamos a questão que envolve as práticas alfabetizadoras no contexto dos anos iniciais.

No terceiro capítulo, cujo título é “Práticas de leitura no contexto da alfabetização escolar: Experiências da sala de aula” discutimos sobre as práticas no contexto da sala de aula, a partir de pesquisa realizada com uma professora alfabetizadora e seus alunos e alunas em uma escola pública municipal. A partir das respostas obtidas nas entrevistas e no questionário levantamos reflexões sobre a prática leitora no contexto da alfabetização.



2. O ato de educar e as formas de ensinar na alfabetização: pensando a prática docente e aprendizado dos alunos

2.1 A alfabetização e os desafios da docência: saberes e prática da sala de aula

Inúmeros são os desafios postos à educação atualmente, nosso objetivo neste capítulo é discutir sobre a educação no contexto da alfabetização, seus desafios e embates teóricos e práticos. Sabemos que o processo de alfabetização tem sido objeto de vários estudos, muitos autores já se dedicaram a tentar compreender como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita, e por que muitas vezes esse processo não é atingido de forma satisfatória pelas crianças, pois segundo Clagliare (2006):

Nas aulas de alfabetização, muitas vezes, é dada uma ênfase muito grande ao processo de ensino, deixando-se, na prática, o processo de aprendizagem, relegando a um plano secundário. (CLAGLIARI,2006,p 63).

Talvez, o fracasso no processo de alfabetização esteja justamente na falta de equilíbrio entre o processo de ensino e de aprendizagem, pois, considerar o aluno um ser capaz de aprender, deve ser o ponto de partida de qualquer processo de ensino, bem como levar em consideração o conhecimento que o aluno possui.

O conhecimento prévio do leitor é imprescindível para realização de uma boa leitura, pois esta se faz com base na elaboração e verificação de hipóteses, ou seja, um leitor ao entrar em contato com o texto constrói uma hipótese sobre o que vai ler e encontrar na leitura deste. Um leitor não é completamente ignorante sobre o que irá ler, durante o processo de leitura de um determinado texto, ele faz uso dos conhecimentos prévios que possui. (PIETRI,2007,p 20).

Desse modo, o conhecimento prévio deve ser um aliado no processo de alfabetização. Para tanto, é preciso incentivar nos alunos esse querer aprender, caso contrário, as atividades escolares passarão a ser vistas como uma obrigação, que alguns alunos podem realizar e, outros, inconformados, deixar de lado.

Para melhor entendermos como se dá o processo de aquisição da leitura e da escrita, é preciso que tenhamos bem claro o que significa o termo “Alfabetização” que, por muitas vezes, é confundido com letramento.

Segundo Soares apud Frade (2003, p.17) o termo letramento é considerado como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita”. Já com relação ao termo alfabetização, Soares (2000, p.47) define como “ação de ensinar/aprender a ler e escrever”. A partir da perspectiva de Soares (2000) podemos compreender que esses termos alfabetização e letramento se confundem e se completam ao mesmo tempo, pois, uma pessoa letrada conseqüentemente tem que ser alfabetizada. Soares chama a atenção de que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos. (SOARES, 2004, p 14).

Desse modo, alfabetização e letramento são indissociáveis, sendo a alfabetização o processo de aquisição do sistema convencional da escrita, desenvolvendo práticas sociais que envolvem a escrita, no caso aqui mencionado, o letramento. Todavia, o letramento só pode se desenvolver por meio da aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, por meio da alfabetização.

Segundo SOARES (2004, p 15) “na concepção atual, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos, o que talvez permitisse optar por um ou outro termo”. Nessa perspectiva, uma pessoa realmente alfabetizada, é uma pessoa que faz uso social da leitura e da escrita no seu cotidiano, porém, é justamente esse o problema da alfabetização atualmente, a maioria das crianças está conseguindo alcançar apenas o processo de decodificação, não fazendo da leitura uma prática social.

A leitura é o ponto chave para formação de bons escritos, sendo um processo no qual o sujeito realiza um trabalho ativo de construção de significados do texto, não tratando apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a. (BRASIL, 2001, p 39).

É preciso desenvolver nos alunos as habilidades e competências referentes a uma leitura crítica, a formação de leitores proficientes em uma perspectiva letrada e não somente de decodificar.

Segundo PELLEGRINI (2009, p 54), no processo de leitura “é necessário a compreensão na qual os sentidos começam a se constituir antes da leitura propriamente dita”. É esse tipo de leitura que os alunos devem realizar em testes padronizados como o ENEM, Provinha Brasil entre outros.

Uma leitura que desenvolve a capacidade de adquirir uma competência discursiva imprescindível para uma boa educação leitora, e mais ainda para conviver com os outros na sociedade do conhecimento, como mostra Martins (2009 p17).

É no processo de alfabetização que esse tipo de leitura deve ter início para então evitar futuros fracassos escolares. Conforme os PCN (BRASIL, 2001, p.23), “o domínio da leitura tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”. Para tanto, também é necessário rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave fracasso escolar na aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas brasileiras.

Pensando a alfabetização como este momento da aprendizagem da leitura e da escrita, é que articulamos a discussão em torno da alfabetização e formação do leitor no sentido de procurar perceber de que modo o professor está sendo formado para atuar na alfabetização.

O professor para atuar nesse processo deve ser um professor democrático que instaura sua autoridade no compromisso com o processo de aprendizagem do aluno. Segundo Moll (2009, p.179) “intervenção docente é um elemento dinamizador da prática pedagógica e se efetiva na proposição de atividades desequilibradoras e reequilibradoras (no sentido piagetiano) das estruturas do pensamento do educando”. Desse modo, o papel do professor deve ser intervir de maneira eficaz promovendo a aprendizagem de seus educandos.

Mas, para que essa intervenção aconteça de maneira satisfatória, o professor deve ter em seu currículo uma boa formação para a prática docente, e principalmente para a prática de alfabetizar, visto que esse é um dos grandes desafios postos à docência. Na instituição educativa, o professor, mais

especificamente o alfabetizador, possui um papel protagonista na aprendizagem da leitura e da escrita.

Para que o professor alfabetizador incentive a prática de leitura e escrita entre seus alunos, é necessário primeiramente que ele também seja um leitor assíduo, pois professores são espelhos para seus alunos, caso contrário, os alunos se sentir-se-ão desmotivados.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, apud MEDEIROS, 2005, p 96)

O professor deve transmitir essa dinamicidade o tempo todo, para que suas aulas não sejam enfadonhas, e seus alunos meros espectadores, mas, que participem ativamente desse processo de construção do seu próprio conhecimento.

Outro grande desafio posto à ação docente é a dificuldade que muitos educadores têm em relacionar teoria e prática, e no caso do professor alfabetizador, isso também não é diferente, como nos chama atenção Saviani:

No horizonte de pensar a formação do educador, Saviani afirmava a necessidade de que o curso de pedagogia fornecesse uma fundamentação teórica que permitisse uma ação coerente, o desenvolvimento de uma consciência aguda da realidade em que futuros professores iriam atuar. (SAVIANI apud LELIS, 2001, p 46).

É indispensável para qualquer educador uma bagagem teórica que lhe possibilite uma compreensão mais ampla das dificuldades apresentadas pelos educandos, para então poder ajudá-los de maneira eficaz. Todavia, esse mesmo educador deve ter acesso a cursos de formação continuada, para que possa estar sempre se aperfeiçoando e buscando alternativas metodológicas que permitam a aprendizagem dos educandos, principalmente os professores da alfabetização, que têm a difícil tarefa de inserir seus alunos no mundo da leitura e da escrita.

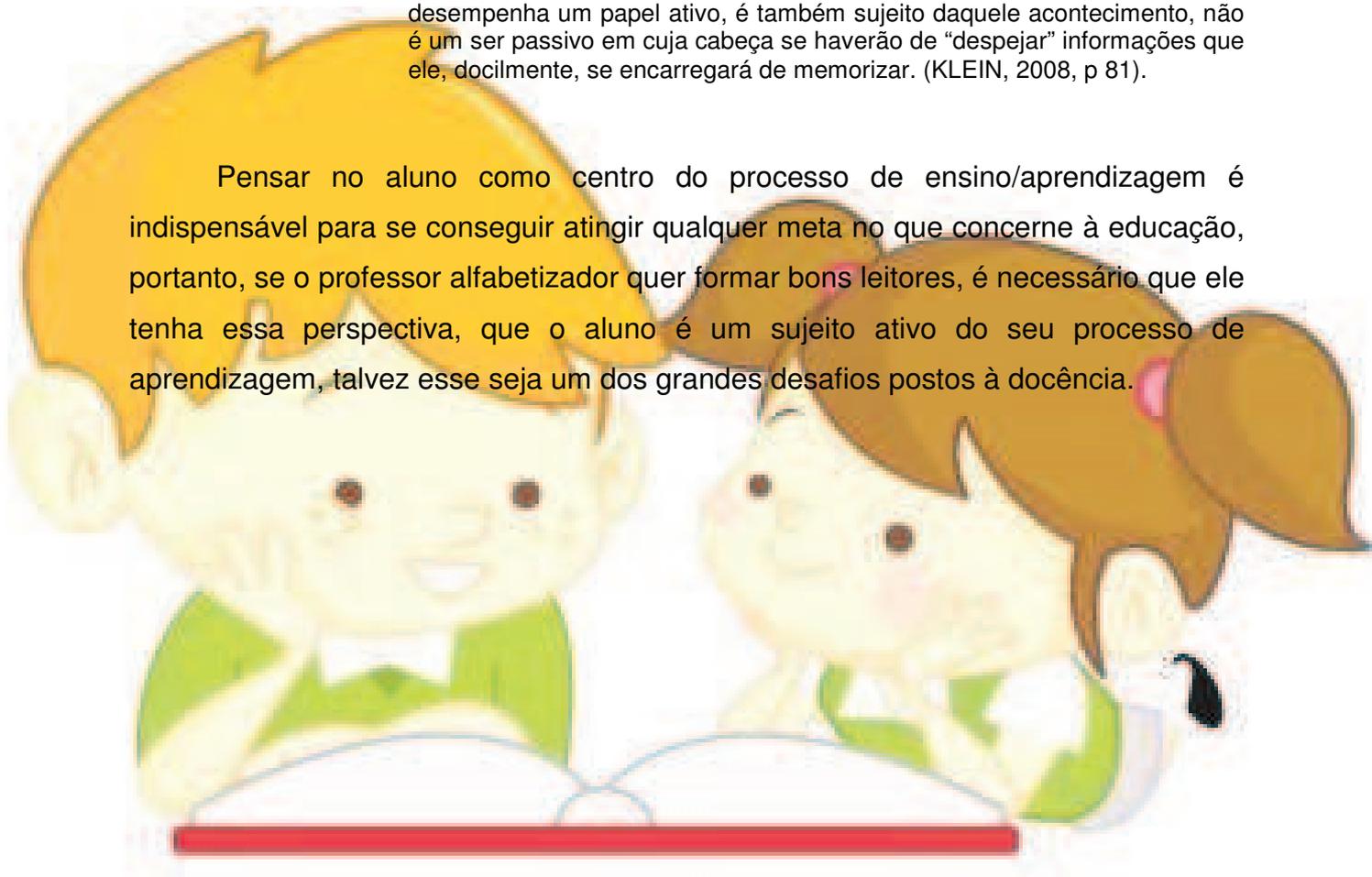
Nesse contexto de tentar inserir seus alunos no universo letrado, o professor alfabetizador tem a difícil tarefa de fazer com que seus alunos se interessem pela leitura e faça uso dela como algo indispensável no seu cotidiano. Todavia, é

necessário que este docente conheça a fundo as dificuldades e anseios de seus alunos, para então traçar alternativas metodológicas que viabilizem o ingresso desses alunos no mundo da leitura, como já mencionamos anteriormente.

Sabemos, no entanto, que esse desejo de querer aprender deve partir primordialmente do próprio aluno, para que então haja realmente sucesso na sua aprendizagem. Conforme elucida Klein:

Evidentemente, é importante ressaltar que, no ato de aprender, o aluno desempenha um papel ativo, é também sujeito daquele acontecimento, não é um ser passivo em cuja cabeça se haverão de “despejar” informações que ele, docilmente, se encarregará de memorizar. (KLEIN, 2008, p 81).

Pensar no aluno como centro do processo de ensino/aprendizagem é indispensável para se conseguir atingir qualquer meta no que concerne à educação, portanto, se o professor alfabetizador quer formar bons leitores, é necessário que ele tenha essa perspectiva, que o aluno é um sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, talvez esse seja um dos grandes desafios postos à docência.



2.2 A aprendizagem da leitura na alfabetização

O hábito de ler é algo imprescindível na formação de qualquer bom leitor, para tanto, esse hábito deve ser desenvolvido desde o processo de alfabetização, e é nele que está justamente o problema.

Sabemos dos inúmeros problemas enfrentados pelos professores em sala de aula, e no caso das professoras alfabetizadoras esses problemas são ainda maiores, pois cabe a elas a função de fazer com que seus alunos tomem gosto pela leitura e se tornem leitores assíduos. É importante que a professora faça uso de metodologias que propiciem aos seus educandos o desejo de aprender a ler.

Quando o professor realiza a leitura em voz alta, a criança aprende a participar como audiência, porque escutar ler não é algo passivo. (TEBEROSK e COLOMER, 2003, p 126)

É nessa perspectiva de interação entre o leitor e o texto lido que a leitura vai acontecer de forma prazerosa e dinâmica, possibilitando ao leitor fazer uso dessa leitura nas suas práticas sociais cotidianas.

Segundo Soares (2010, p 68) "A leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos". Deste modo, ler vai muito além da decodificação, processo bastante utilizado nas salas de alfabetização, onde a maioria das professoras faz uso dessa metodologia como a única forma de ensinar a ler e escrever.

Compreender o que está sendo lido é muito mais importante do que ler palavras corretamente, atribuir sentido a leitura faz com que o leitor sinta vontade e prazer em realizar essa atividade. Muitas vezes a leitura e a escrita são tratadas mecanicamente, desvinculadas de sua função na sociedade, e isso faz com que o aluno não encontre sentido nessas atividades.

A alfabetização não é conseguida através de controles externos de programas prescritos e testes formalizados, mas através de professores sensíveis, que compreendem o que ensinam e que, também entendem os estudantes por cujo aprendizado são responsáveis (SMITH,1989,p 12).

Entender o processo de alfabetização como uma oportunidade única de promover o ingresso dos educandos no mundo da leitura é essencial para as professoras/alfabetizadoras, pois são através de suas práticas pedagógicas que serão formados leitores proficientes. Nesse caso, o papel dessas profissionais seria de facilitadoras da aprendizagem.

Para tanto, a professora alfabetizadora poderá fazer uso de recursos que facilitem e estimulem a leitura e a escrita ao mesmo tempo.

Quanto aos materiais, sugere Goodman, eles devem estar ligados ao mundo real, incluindo a comunidade, com textos mais úteis, interessantes e relevantes para os aprendizes. (BRAGGIO, 1992, p 63).

Sendo assim, textos diversificados podem contribuir significativamente no processo de alfabetização numa perspectiva de letramento, ou seja, abandonando o uso das velhas cartilhas do ABC, e utilizando textos que fazem parte do cotidiano dos alunos, tais como: bulas de remédios, embalagens de produtos alimentícios e de limpeza etc.

Em nosso dia a dia, deparamo-nos com inúmeros textos veiculados em meios diversos (jornais, revistas, rádio, TV, internet, cinema, teatro) cuja produção é “orientada” para um determinado tipo de leitor (um público específico), o que, alias, vem evidenciar o princípio interacional constitutivo do texto, do uso da língua. (KOCH e ELIAS, 2010, p 28).

É Inconcebível que alfabetizadoras não façam uso desses materiais didáticos riquíssimos no processo de aquisição de leitura e escrita de seus alunos, e optem por utilizar textos ultrapassados, sem sentido que nada acrescentam na vida dos educandos. Porém vale salientar que para trabalhar com esses materiais, a professora deve ter claro o objetivo que ela pretende alcançar, pois, algumas educadoras tentam diversificar suas aulas, mas não sabem bem como utilizar esses materiais, o que acaba tornando-se mais um fracasso didático.

Alguns materiais iniciais de leitura parecem ser elaborados expressamente para evitar a utilização do conhecimento anterior. Outras vezes, os adultos podem, sem querer, ou mesmo intencionalmente, desencorajar sua utilização, proibindo “adivinhações”. (SMITH, 1989, p 87).

Sem dúvida, respeitar o conhecimento prévio do aluno e estimular a utilização de estratégias de leitura favorecerá bastante a interação entre o leitor e o texto lido. Nesse contexto de formar leitores assíduos é importantíssimo que as alfabetizadoras utilizem materiais adequados, bem como organizem as salas de aulas de forma a facilitar a interação entre os alunos, visto que, a troca de experiências é fundamental em qualquer processo de ensino/aprendizagem.

A organização do espaço das salas de aula, por sua vez, tem uma grande importância nesse processo. Disponibilizar materiais de leitura diversificados espalhados pela sala, organizar as carteiras em círculo de modo a proporcionar interação entre os alunos e o próprio professor (a), reservar um determinado espaço para realização de círculos de leitura, são elementos importantíssimos para formação de bons leitores, além disso, um ambiente visualmente organizado, sem dúvida é mais atrativo para realização de qualquer atividade.

É preciso cultivar a vontade de querer aprender a ler nas crianças, e para tanto, tudo deve ser minuciosamente pensado, desde as alternativas metodológicas, materiais didáticos, organização da sala de aula, etc. Sabemos que as crianças são bem mais susceptíveis à aprendizagem do que os adultos, conforme Ferreiro:

De todos os grupos populacionais, as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis. Elas têm mais tempo disponível para dedicar à alfabetização do que qualquer outro grupo de idade e estão em processo contínuo de aprendizagem (dentro e fora do contexto escolar), enquanto os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar. (FERREIRO. 2010, p 17).

Essa disponibilidade para a aprendizagem é uma característica do universo infantil que deve ser estimulada e potencializada diariamente no contexto escolar, para só assim, obtermos resultados realmente significativos no que concerne à educação de nossas crianças.

3. Práticas de leitura na alfabetização: Experiências da sala de aula

3.1 Escola Municipal Manoel Machado da Nóbrega: Breve contextualização



Fonte: Arquivo pessoal de Fabiana Araújo

Esta pesquisa foi realizada em setembro de 2011 na E.M.E.I.E.F. Manoel Machado da Nóbrega, situada na zona urbana do município de Massaranduba-PE. A instituição foi construída e inaugurada em 1973 na gestão do prefeito Gerardo Machado da Nóbrega, que homenageou seu pai colocando seu nome na instituição.

A escola beneficia predominantemente crianças da zona urbana, porém também atende crianças da zona rural, sendo a grande maioria de classe média baixa, com um público atual de 210 alunos distribuídos nos turnos manhã e tarde, nas modalidades de ensino Infantil e Fundamental, do pré-escolar ao 2º ano.

Em sua estrutura física possui 4 salas de aulas, 5 banheiros, 1 secretaria, 1 diretoria, 1 cantina e 1 pátio para recreação, mas infelizmente não possui uma

biblioteca, e os poucos livros que, nela há ficam nas próprias salas de aula, em pequenos armários. Vejamos a foto da biblioteca:



Fonte :Arquivo pessoal Fabiana Araújo

Já em relação aos recursos humanos, conta com 23 funcionários entre professoras, gestora, auxiliares de serviços gerais e vigia. Mesmo não possuindo apoio pedagógico permanente na escola (Psicólogo, Orientadora educacional, Supervisora, Fonoaudióloga), quando necessário a gestora recorre à Secretaria Municipal de Educação, que faz o encaminhamento desses profissionais para a escola. Com relação a programas governamentais, a instituição possui apenas o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), e o seu PPP (Projeto Político Pedagógico) ainda está em fase de elaboração.

A instituição dá uma ênfase maior a Educação Infantil e busca, através dos recursos disponíveis, incentivar a leitura e escrita, tentando assim, oferecer uma educação de qualidade a todos seus alunos.

3.2 A leitura na alfabetização: olhares dos alunos

Aprender a ler é o maior desejo de grande parte dos alunos da alfabetização, porém, mesmo sendo tão desejada pelos alunos, a prática leitora ainda se configura como um desafio para esses pequenos cidadãos.

Nesse contexto, vale salientar que a falta da participação familiar no processo educacional de seus filhos, contribui significativamente para esse fracasso na prática leitora, visto que, pais com baixa ou nenhuma escolaridade que não fazem leitura para seus filhos, incentiva de forma direta o desinteresse pela leitura. Além disso, o espaço escolar é insuficiente para formar leitores proficientes, já que a professora alfabetizadora encontra inúmeras barreiras o que torna difícil para ela dedicar-se individualmente a cada aluno.

Tendo em vista esses desafios e dilemas que fazem parte do fazer docente no cotidiano da alfabetização escolar, apresentamos os resultados de nossa pesquisa desenvolvida com 20 alunos e alunas da Escola Municipal Manoel Machado da Nóbrega, localizada na zona urbana do município de Massaranduba, cuja faixa etária variou entre 6 e 7 anos de idade. Observamos que, do ponto de vista étnico, a maioria se identificou como pardos.

Devido ao fato de estarmos trabalhando com crianças, utilizaremos apenas iniciais de cada uma delas para nos referenciar sobre as mesmas no âmbito desse texto.

Inicialmente perguntamos as crianças se as mesmas gostavam de ler e quais motivos evidenciavam este aspecto. A partir deste questionamento a aluna S.H.S , respondeu: “ Gosto. por causa de que é divertido, a gente aprende a falar, ler história, e toda sexta, eu, Mateus, Renan e os gêmeos , a gente faz a leitura” (S.H.S, 2011).

Podemos verificar através da fala de S.H.S, que a leitura para ela proporciona diversão, encantamento e que a leitura coletiva desenvolvida através do círculo de leitura contribui para esse querer aprender a ler. Tendo em vista estas motivações apresentadas pela aluna, tomamos como reflexões o posicionamento de Zilberman (1990) ao enfatizar que:

A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam experiências e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois, aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela (ZILBERMAN, 1990, p 19).

Partindo desta afirmativa de Zilberman (1990), identificamos através do questionário que W.R.A.S, ao se posicionar sobre este mesmo aspecto respondeu que “Sim. Porque eu leio com a mente primeiro, depois eu leio com a boca” (W.R.A.S, 2011). Nesse caso, percebemos que este aluno já se encontra em um nível de leitura fluente, ou seja, já possui uma maturidade cognitiva que lhe permite fazer uma leitura silenciosa, fazendo relação entre leitura mental e leitura verbal. De acordo com Smith:

A leitura não é simplesmente uma atividade visual. Tanto a informação visual quanto a informação não visual são essenciais para leitura, podendo existir um intercâmbio entre as duas. A leitura não é algo instantâneo, o cérebro não pode extrair um sentido da informação visual na página impressa imediatamente. (SMITH, 1989, p 109).

Smith (1989) chama atenção para o conhecimento prévio que a criança possui, ou seja, as informações não visuais, informações estas imprescindíveis para a compreensão do que se está lendo. Já a aluna C.E.M.R.L nos deu a seguinte resposta “Gosto. Porque lendo a gente fica mais inteligente” (C.E.M.R.L, 2011), o que nos aponta que ela percebe na leitura uma possibilidade de tornar-se uma pessoa inteligente, que sabe posicionar-se diante das questões sociais cotidianas.

O sujeito que aprende o código da leitura e da escrita em situações reais de leitura e escrita, através dos diferentes portadores de textos do mundo letrado, e não com textos que foram elaborados didaticamente para ensinar a ler do tipo “o boi baba”, “jacaré bebe café”, etc. estão ao mesmo tempo aprendendo um código e envolvendo-se em práticas sociais de leitura e escrita, que provavelmente, não ficaram restritas ao espaço do grupo da alfabetização e à presença da professora alfabetizadora. (MORAES, 2005,).

Para Moraes (2005), a criança alfabetizada a partir do uso de vários gêneros textuais provavelmente será capaz atuar como um leitor proficiente não só no âmbito escolar, mas também na sociedade como um todo. No entanto, entre as crianças entrevistadas apenas K.F.A respondeu “Não. porque...porque é muito ruim, difícil.”(K.F.A, 2011), percebemos que ela acha a leitura ruim por não conseguir ler

convencionalmente, ou talvez não encontrar sentido nas atividades de leitura, ou ainda encontrar dificuldades nos materiais utilizados pela professora. Smith mostra que:

Agora, podemos ver uma razão pela qual a leitura pode ser tão difícil para crianças, independentemente de sua capacidade real para a leitura. Estas crianças podem ter pouca informação não visual relevante. Alguns materiais iniciais de leitura parecem ser elaborados expressamente para evitar a utilização do conhecimento anterior. (SMITH, 1989, p87).

A escolha de materiais adequados para alfabetização é uma tarefa importantíssima para a professora, pois como nos mostra Smith (1989), alguns materiais podem dificultar ainda mais a aprendizagem das crianças. A segunda pergunta feita na entrevista foi à seguinte: “Na sua casa seus pais ou responsáveis fazem leitura para você? Dos 20 alunos, apenas 2 disseram que não.

Partindo do questionamento feito J.B respondeu: “Ainda não” (J.B, 2011) e J.F.S disse “ Não, mas eu estudo”. Embora a maioria tenha respondido que sim, que seus pais fazem leitura em casa para eles, percebemos que essa resposta foi dada como uma forma de esconder a realidade, pois segundo a professora, a maioria dos pais são analfabetos, o que dificulta ainda mais o processo de alfabetização desses alunos.

Em conseqüência, como já o sabemos e como já o disseram mil vezes: analfabetos e pobreza caminham juntos não, são fenômenos independentes; analfabetos e marginalização social caminham juntos, não são fenômenos independentes. O analfabetismo dos pais está relacionado com o fracasso escolar de seus filhos. (FERREIRO, 2010, p57).

Sem dúvida, a falta de leitura fora do ambiente escolar, torna-se um problema sério para a professora alfabetizadora, pois, será a escola o único ambiente a proporcionar esse contato maior dos alunos com a leitura.

Na terceira pergunta, indagamos as crianças sobre que tipo de leitura elas gostavam de fazer fora da escola. T.A respondeu, “Quando a professora faz a tarefa no quadro aí a gente num coloca no caderno, aí em casa eu pego e leio o ditado”. (T.A, 2011). Notamos na fala de T.A que mesmo sem ter materiais de leitura em casa, o seu interesse pela leitura é tão grande que ela ler as atividades que faz na escola, nos chama atenção ainda a questão do “ditado” mencionado pela aluna, que

muitas vezes é utilizado pelas alfabetizadoras como uma forma de trabalhar a leitura e a escrita, mas acaba sendo utilizado como algo “solto”, e sem sentido para as crianças.

[...] é de especial importância apresentar às crianças os suportes de linguagem escrita, em particular os livros e, sobretudo, suportes que, nos lares das crianças, são pouco freqüentes. Isso é importante porque a sua apresentação poderá permitir trabalhar com os tipos de textos. (TEBEROSK e COLOMER, 2003, p107).

É muito importante trabalhar com materiais do universo das crianças, porém, também é de extrema importância trabalhar outros tipos de materiais para ampliar o universo de conhecimento dos alunos. Outros alunos a exemplo de M.C.S.S, que respondeu “livrinhos de histórias” (M.C.S.S, 2011) nos remeteu a questão da literatura infantil, tão importante na formação de bons leitores, pois, segundo JARDIM (2001,p.76)” a função mais importante do livro infantil é despertar o interesse e o imaginário da criança”.

Nessa perspectiva, o livro infantil é o alicerce para formação de leitores assíduos, principalmente se estes forem apresentados desde o pré-escolar.

Na idade pré-escolar nos primeiros anos da escola, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros de gravuras é importantíssimo para o desenvolvimento do vocabulário e mais importante ainda, para a motivação da leitura. (COSTA, 2007, p15).

Portanto, o contato com esse tipo de material de leitura é indispensável no processo de alfabetização e de formação de leitores. Dando continuidade a nossa pesquisa, a quarta pergunta foi à seguinte: “Na sua casa seus pais ou responsáveis ensinam você a ler?”. Por ser bastante semelhante com a segunda pergunta, as respostas também foram semelhantes. Dos 20 alunos, 17 disseram que os pais ensinam eles a ler, e apenas J.B e J.F.S responderam que não, e a aluna C.E.M.R,L respondeu “Algumas vezes” (C.E.M.R.L, 2011).

A quinta e última pergunta foi “Que tipo de dificuldade você tem na leitura?”. J.N.S, assim como outras crianças disse “Ler em letra cursiva” (J.N.S, 2011). Essa é uma dificuldade bastante freqüente nas salas de alfabetização, pois é nesta etapa que as crianças têm que mudar a letra “caixa alta” ou “bastão” e escrever em letras

cursivas, processo este que elas acham muito difícil, o que dificulta também o processo de leitura.

3.3 Práticas leitoras na alfabetização: Olhar docente

Neste item abordaremos sobre as práticas leitoras na escola no contexto de uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental (Alfabetização), a partir das vivências e observações da professora da sala de aula na qual realizamos a pesquisa.

A docente com quem realizamos a pesquisa apresenta o seguinte perfil: etnicamente se auto identificou como negra, concluiu a graduação em História e atua nas séries iniciais numa escola pública municipal na cidade de Massaranduba/Pb. A pedido da professora, seu nome completo foi preservado e no contexto dessa pesquisa utilizaremos apenas suas iniciais “J.A.S”. No curso de nossas discussões enfatizaremos a percepção da docente sobre experiências e vivências na sala de aula de 1º ano.

Na prática docente, a professora enfrenta desafios e dilemas entre os quais as questões relativas ao aprendizado da leitura. No que se refere à alfabetização ou 1º ano, a leitura é uma das bases da aprendizagem dos alunos, consistindo, portanto num desafio para o docente, no sentido de trabalhar com o coletivo, questões que fazem parte da aprendizagem individual de cada aluno, deste modo, falar sob leitura sob o olhar da docente é primordial no sentido de perceber as dificuldades encontradas por estar no cotidiano da sala de aula.

No que se refere à experiência nas séries iniciais, ao questionarmos a professora sobre esse aspecto, a mesma nos respondeu “Primeiro ano nesta escola e nas séries iniciais” (J.A.S, 2011). Ela demonstrou através de sua resposta que não tem prática nos anos iniciais e, devido sua formação ser na área de História, mostrou também não possuir embasamento teórico a respeito das práticas de alfabetização, além de não ter uma vivência nessa escola, sendo esse seu primeiro ano atuando nas séries iniciais e nessa comunidade escolar, enfrentando assim, um grande desafio para sua prática docente.

A grande massa do professorado, aquela que de fato atua nas classes de alfabetização, a quem se destinam, em última instância, as conseqüências teóricas, que orientam a ação pedagógica, essa massa, desprovida das condições concretas para o estudo, o aprofundamento e a reflexão que a

complexidade dessas questões exigem, acaba assimilando que o critério de validade do novo é ser contrário - mecanicamente inverso- à forma anterior. (KLEIN, 2008, p30).

Klein (2008) vem nos chamar atenção para a importância das reflexões teóricas para educadores que muitas vezes acabam equivocando-se com as propostas pedagógicas presentes em alguns estudos, rejeitando totalmente as propostas anteriores, e aceitando as novas propostas como verdades absolutas.

Ao questionarmos a docente sobre as dificuldades de leitura apresentada por seus alunos, ela nos deu a seguinte resposta: “Não conhecer as letras do alfabeto” (J.A.S, 2011). Essa resposta nos deixou o seguinte questionamento: Será que a forma como ela está trabalhando as letras do alfabeto possibilita a aprendizagem de seus educandos? Em seguida, questionamos a respeito de suas atitudes para ajudar seus alunos com relação a essas dificuldades, e sua resposta foi a seguinte: “Tento diante de 20 crianças sanar as dificuldades, com leituras do alfabeto em diferentes letras, o ditado e leituras” (J.A.S, 2011).

Sem dúvida alguma trabalhar com uma turma de 20 alunos, as dificuldades individuais de cada criança é praticamente impossível, por isso a professora busca através de ditados e leituras a possibilidade de aprendizagem da escrita.

A docente procura diversificar sua prática pedagógica no que se refere às práticas de leitura na sala utilizando vários materiais, mesmo com os desafios e dilemas que a mesma convive diariamente, de acordo com o que ela expôs no questionário, ela tenta sanar as dificuldades dos alunos, vejamos sua resposta quando perguntamos sobre o tipo de abordagem metodológica que ela utiliza para propiciar a prática de leitura: “Leitura individual e coletiva, lista de palavras, de textos, livros, poemas, músicas, parlendas, entre outros” (J.A.S, 2011), o que nos chamou atenção sobre a importância de diversificar os materiais utilizados em salas de alfabetização. Conforme mostra Ferreiro:

Em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer material que contenha escrita (jornais, revistas, dicionário, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamento, etc.). (FERREIRO, 2010, p 34).

Trabalhar com esse tipo de material é uma forma de se desmistificar que o material adequado para alfabetizar são aquelas velhas cartilhas de bê-á-bá. No entanto, a resposta dada no questionário pela professora não coincide com nossas observações, pois detectamos no fazer da mesma que ela não utiliza as abordagens metodológicas que descreveu, visto que o único momento de leitura que presenciamos se dá uma vez por dia, onde todos os dias 5 alunos fazem uma leitura individual nas antigas cartilhas de bê-á-bá.

Com relação à escrita, perguntamos à docente que prática ela utilizava para trabalhar a escrita? A mesma nos deu a seguinte resposta “Transcrição de pequenos textos e atividades e ditados” (J.A.S, 2011). Do ponto de vista metodológico a docente procura incentivar a leitura dos alunos e também a escrita através do trato com pequenos textos e ditados que permitam identificar as dificuldades leitoras dos alunos, embora esses esforços ainda não sejam suficientes para efetivar o processo de alfabetização de seus alunos.

Buscar alternativas metodológicas que facilitem a aprendizagem dos educandos é uma responsabilidade de todo e qualquer professor, no entanto, sozinho, o professor é incapaz de conseguir o sucesso da aprendizagem de seus alunos, e nesse sentido não só o interesse dos próprios alunos, como a participação familiar se faz indispensável.

Quando questionada sobre o papel da família no processo de alfabetização de seus educandos, a professora respondeu: “Pouco ou nenhum dos pais ajudam em casa, a grande maioria não se preocupam com a educação dos filhos, o importante mesmo é o bolsa escola” (J.A.S, 2011).

A questão da participação familiar no processo de ensino/aprendizagem das crianças se faz extremamente necessária, pois como já mencionamos anteriormente, o ambiente escolar sozinho é insuficiente para que os alunos se desenvolvam adequadamente.

Em determinadas famílias, as crianças interagem com materiais e com tarefas de leitura e escrita desde muito cedo. E essas interações provavelmente estão relacionadas e influenciam nas aprendizagens convencionais posteriores. (TEBEROSKY e COLOMER, 2003, p 17).

Teberosky e Colomer (2003) vêm refletir sobre a importância da família e do uso desses materiais que possibilitam a aprendizagem fora do âmbito escolar e mostrar como esse contato influencia diretamente as aprendizagens posteriores.

Outro problema apresentado pela professora diz respeito à falta de distribuição de material didático/pedagógico, quando questionada se a mesma recebia esse tipo de material, ela respondeu: “Não. Mas com início do pré - letramento tenho tentado introduzir as teorias na prática de alfabetização.” (J.A.S, 2011). A falta de apoio através do uso desses materiais aumenta ainda mais as dificuldades da docente.

Percebemos através das respostas dadas no questionário que a docente possui grandes dificuldades com a alfabetização de crianças, provavelmente por não ter tido experiências anteriores com alunos das séries iniciais, e ainda, por sua formação ter sido na área de História. Para tentar sublimar essa situação ela deu início ao pré - letramento conforme nos relatou quando questionada sobre algum curso de formação continuada que fazia, “Sim. O pré - letramento” (J.A.S, 2011).

Detectamos através de conversas informais que até o momento no qual a pesquisa foi realizada, que o pré - letramento era a única base teórica que ela possuía com relação aos processos de alfabetização, outro fator que contribui significativamente para suas dificuldades de alfabetizar.

Essa pesquisa foi de fundamental importância para que pudéssemos ter contato com o cotidiano de alunos e professora em uma sala de alfabetização, e a partir dessas vivências tentamos identificar as dificuldades encontradas por alunos e professora no processo de alfabetização, bem como na formação de leitores proficientes.

4- Considerações finais

Entender a origem do fracasso na aprendizagem da leitura é muito mais complexo do que poderíamos supor, inúmeros são os fatores que contribuem para este fracasso, entre eles a falta da participação das famílias, materiais didáticos adequados, bem como, a falta de condições de trabalho, entre outros, não cabendo assim a escola assumir toda a responsabilidade.

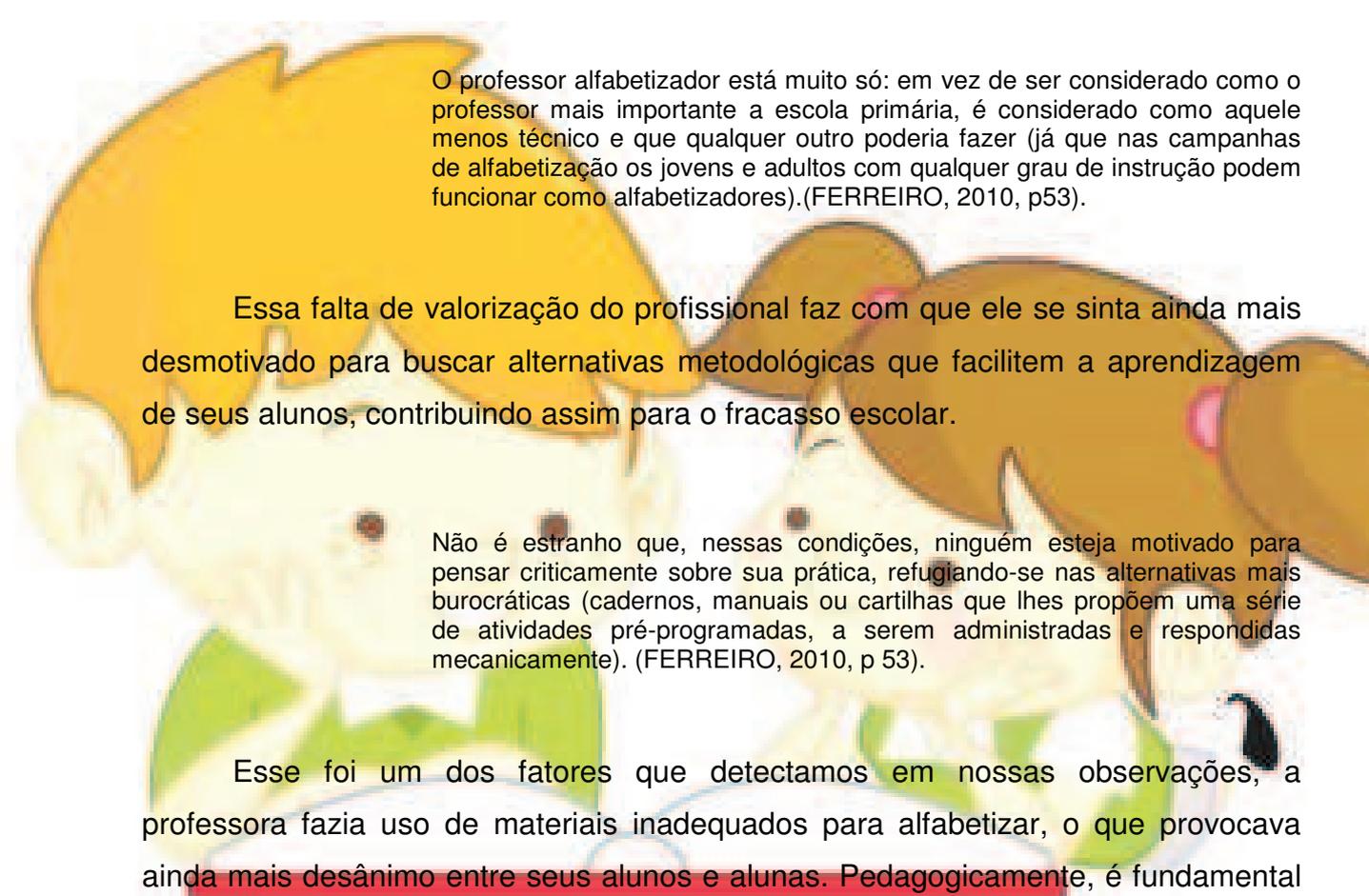
As discussões apresentadas neste estudo servem de subsídios para que futuros e atuais educadores tomem conhecimento dos problemas mais recorrentes encontrados em salas de aula, principalmente nas salas de alfabetização que influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos, não só no âmbito da leitura, mas no processo de ensino/aprendizagem como um todo.

Porém vale salientar que, o incentivo à leitura não deve ter início apenas no processo de alfabetização, mas desde a pré escola, e se possível mesmo antes das crianças frequentarem o ambiente de salas de aula, cabe ao professor (a) alfabetizador (a) dar continuidade a este interesse e não permitir que seus alunos percam esse encantamento pela leitura.

Propiciar a prática leitora motivando a construção de um leitor proficiente é um grande desafio, e em face desse aspecto em nossa pesquisa nos propusemos a tentar compreender como no contexto dos anos iniciais o professor alfabetizador busca propiciar essa prática. Fizemos algumas reflexões com base em estudos da área da educação, portanto, nosso estudo é importante porque envolve discussões a respeito de letramento, alfabetização, prática docente entre outros temas que influenciam na aprendizagem da leitura.

Buscamos direcionar nosso estudo da seguinte maneira: primeiro fizemos reflexões teóricas acerca do processo de leitura, letramento, alfabetização e prática docente, em seguida, partimos para campo de estágio para analisar como essa teoria é posta em prática, ou não, nas salas de 1º ano das séries iniciais. Após esse contato com a docente e alunos, tentamos relacionar teoria e prática a fim de extrair contribuições para os cursos de formação docente, bem como para área da educação.

Percebemos nessa pesquisa, através das observações, do uso de questionário e entrevistas, que a professora alfabetizadora não estava conseguindo propiciar a aprendizagem da leitura e da escrita aos seus alunos, ou seja, alfabetizá-los numa perspectiva de letramento. Porém, é pertinente lembrarmos que essa dificuldade de alfabetizar se deve aos inúmeros fatores que foram apresentados no decorrer deste estudo, fatores estes que na maioria das vezes são muito comuns nas salas de alfabetização, como mostra Ferreiro:



O professor alfabetizador está muito só: em vez de ser considerado como o professor mais importante a escola primária, é considerado como aquele menos técnico e que qualquer outro poderia fazer (já que nas campanhas de alfabetização os jovens e adultos com qualquer grau de instrução podem funcionar como alfabetizadores). (FERREIRO, 2010, p53).

Essa falta de valorização do profissional faz com que ele se sinta ainda mais desmotivado para buscar alternativas metodológicas que facilitem a aprendizagem de seus alunos, contribuindo assim para o fracasso escolar.

Não é estranho que, nessas condições, ninguém esteja motivado para pensar criticamente sobre sua prática, refugiando-se nas alternativas mais burocráticas (cadernos, manuais ou cartilhas que lhes propõem uma série de atividades pré-programadas, a serem administradas e respondidas mecanicamente). (FERREIRO, 2010, p 53).

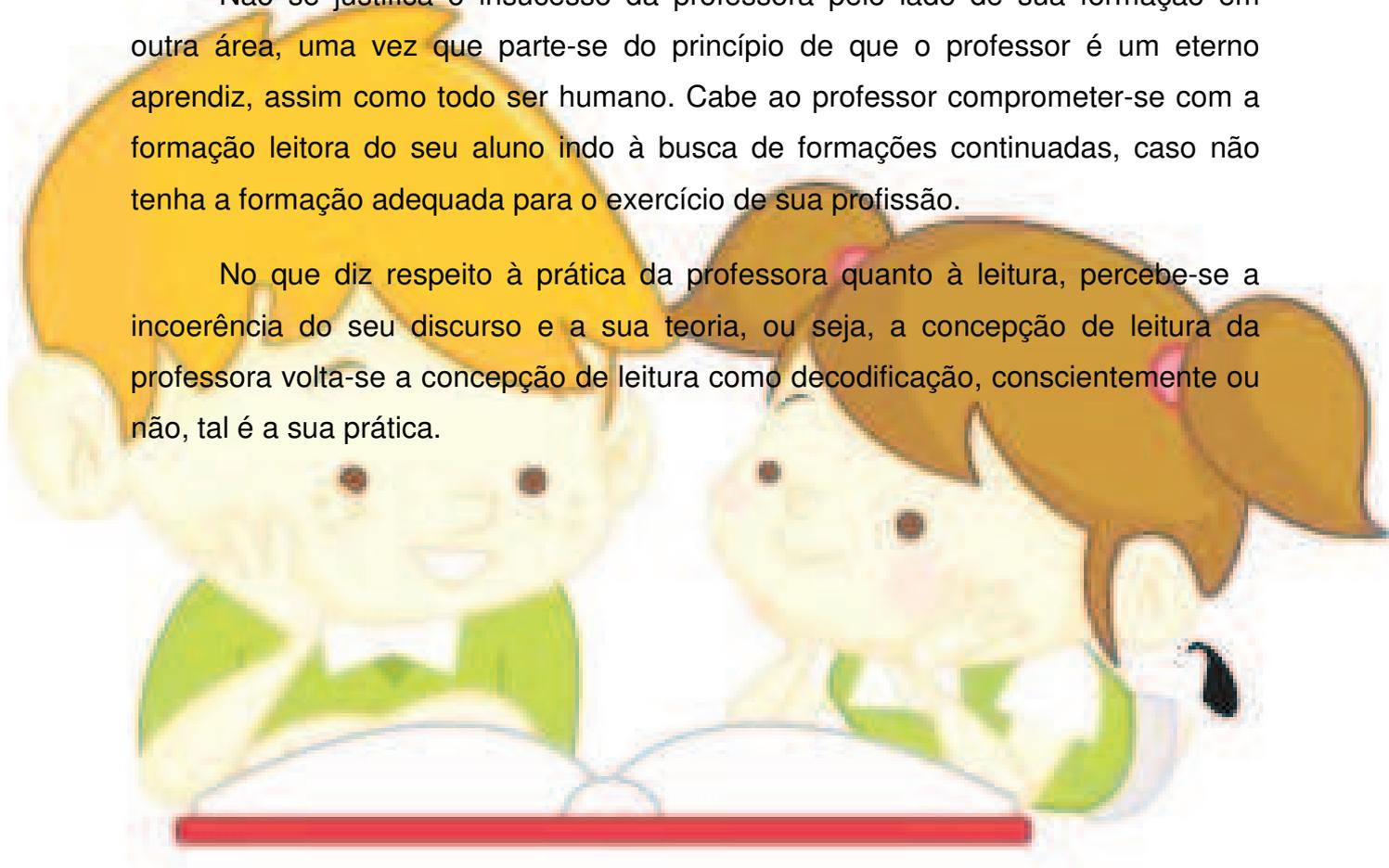
Esse foi um dos fatores que detectamos em nossas observações, a professora fazia uso de materiais inadequados para alfabetizar, o que provocava ainda mais desânimo entre seus alunos e alunas. Pedagogicamente, é fundamental observar e considerar, no processo de alfabetização as condições em que se processa e se produz conhecimento escolar sobre a leitura.

A utilização de materiais adequados, boa utilização do espaço da sala de aula, a participação das famílias no processo educacional de seus filhos, as boas condições de trabalho, o interesse dos próprios alunos, cursos de formação docente para os professores, boa relação com a comunidade escolar e valorização dos profissionais da educação, são fatores indispensáveis para o sucesso do processo de alfabetização dos alunos e da educação brasileira como um todo.

Com base nisso, o objetivo desse trabalho foi de investigar como a leitura estava sendo desenvolvida no 1º ano das séries iniciais (alfabetização) e como a professora alfabetizadora através de sua prática pedagógica propicia aos seus alunos essa aprendizagem, porém o resultado dessa pesquisa configura uma realidade que compromete a qualidade do ensino em Massaranduba mesmo que se saiba das dificuldades e entraves existentes no interior da escola por parte do professor (a).

Não se justifica o insucesso da professora pelo lado de sua formação em outra área, uma vez que parte-se do princípio de que o professor é um eterno aprendiz, assim como todo ser humano. Cabe ao professor comprometer-se com a formação leitora do seu aluno indo à busca de formações continuadas, caso não tenha a formação adequada para o exercício de sua profissão.

No que diz respeito à prática da professora quanto à leitura, percebe-se a incoerência do seu discurso e a sua teoria, ou seja, a concepção de leitura da professora volta-se a concepção de leitura como decodificação, conscientemente ou não, tal é a sua prática.



Referências

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista a sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes médicas, 1992. p. 63

BRASIL, Ministério da educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3ª Ed. Brasília, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino de aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. **In: ROJO, Roxane (org.) Alfabetização e letramento perspectiva e linguagens**. Campinas/SP, 2006. p.63

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. e MENDONÇA, Rosa Helena. **Prática de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da educação, 2006. p.10

COSTA, Marta Maria da. **Metodologia do ensino de Educação Infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007, p 15.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRADE, Isabel Cristina da Silva. **Alfabetização hoje: Onde estão os métodos?** São Paulo: Presença pedagógica, v. 9 N° 50, 2003. p. 17

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Rio de Janeiro: Moderna, 2003. p.39

JARDIM, Mara Ferreira. **Critérios para a análise e seleção de textos de literatura infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p 76.

KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** 15 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª Ed., São Paulo: contexto, 2010. p.28

LELIS, Isabel Alice. **Do ensino de conteúdos aos saberes do professor. Mudança de idioma pedagógico?** São Paulo: educação e sociedade, ano XXII, nº 74, abril/2001.p.46

MARTINS, Vicente. Como as crianças entram no mundo da linguagem. In: **Construir notícias**. Vol.45, mar/abr., Recife: multimarcas, 2009. p.17

MEDEIROS, Régis. **Quais os saberes necessários para a prática docente, Freire, Tardif e Gauthier respondem?** In:Revista Eletrônica Fórum Paulo Freire, ano I, n. 1. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2005.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 8ª Ed. Ver. E atual. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 179

MORAIS, Marileia Golo de. **Alfabetização – leitura do mundo leitura da palavra – e letramento: algumas aproximações**. São Paulo, 2005.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisa em administração, v. 1, nº3. São Paulo, 1996.

PELLEGRINI, Denise. **Ler e escrever de verdade**. Revista nova escola, São Paulo, abr/set, 2009. p.54

PIETRE, Emerson de. **Práticas de leitura e elementos para atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.20

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: a análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médica, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Minas Gerais: Revista brasileira de educação, jan/abr de 2004. p. 14-15

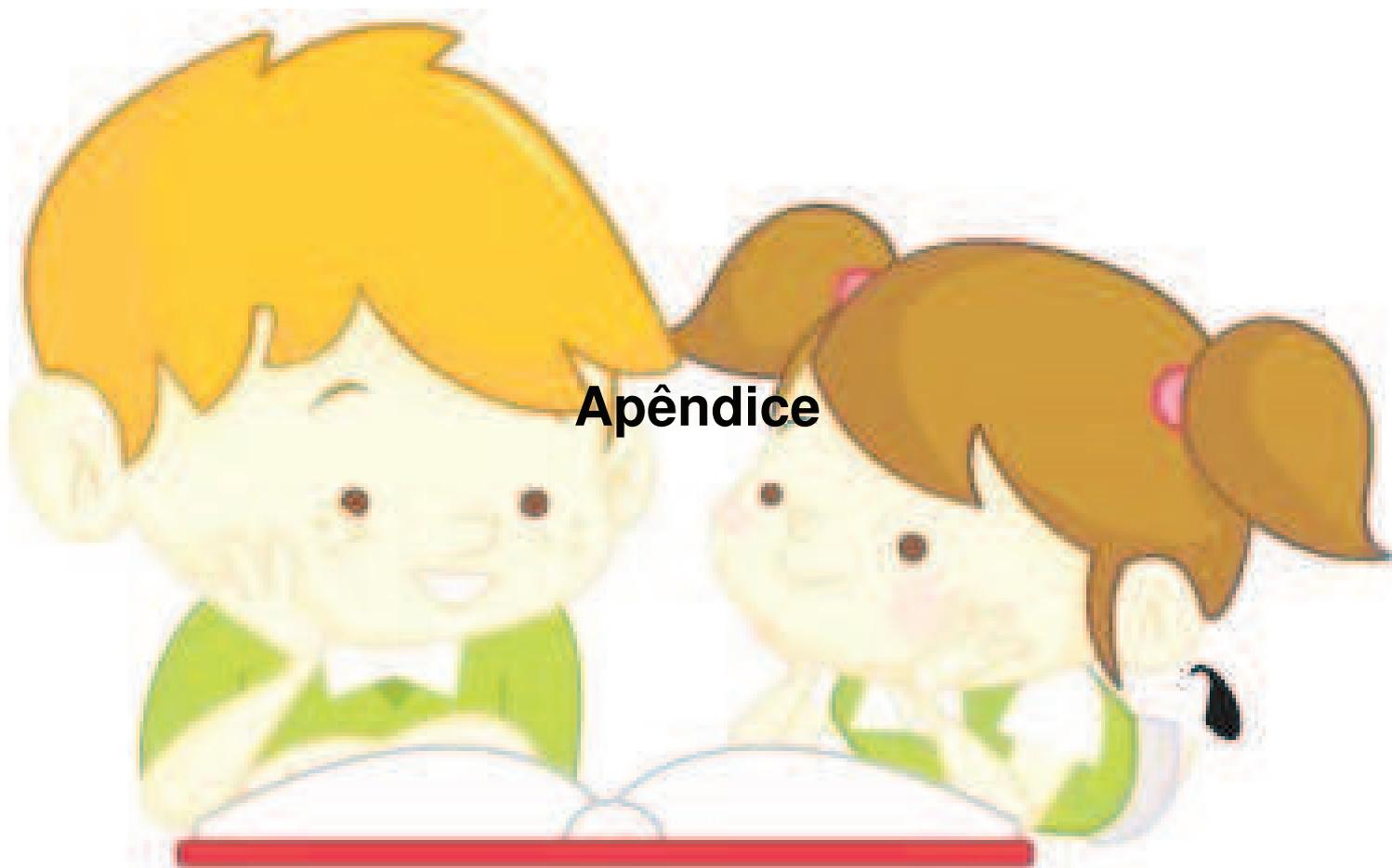
_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEBEROSKI, Ana. e COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtora.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 11 Ed. Ver. e compl. 1990. p.19



Apêndice



Questionário feito com a professora alfabetizadora

Nome (iniciais):

Profissão:

Escolaridade:

Etnia: () negro () Indígena () Outro. Qual?-----

Curso que concluiu?

Em que ano?

Há quanto tempo ensina nesta escola e nas séries iniciais?

- 1) Quais as dificuldades de leitura apresentadas pelos alunos que você ensina?
- 2) O que você faz diante dessas dificuldades?
- 3) Que tipo de abordagem você utiliza para propiciar a prática de leitura e aprendizagem?
- 4) Com relação à escrita, que tipo de prática você utiliza para que possa propiciar a aprendizagem dos alunos?
- 5) Como você vê o papel da família na aprendizagem do aluno no que se refere à alfabetização do mesmo nas series iniciais?
- 6) Você recebe algum material didático/pedagógico de como trabalhar com sua turma a questão da leitura?
- 7) Você faz algum curso de formação continuada que se refira a prática pedagógica de alfabetização?

Entrevista com os alunos (as)

Nome:

Idade:

Ano/ série:

Etnia:

Local onde mora:

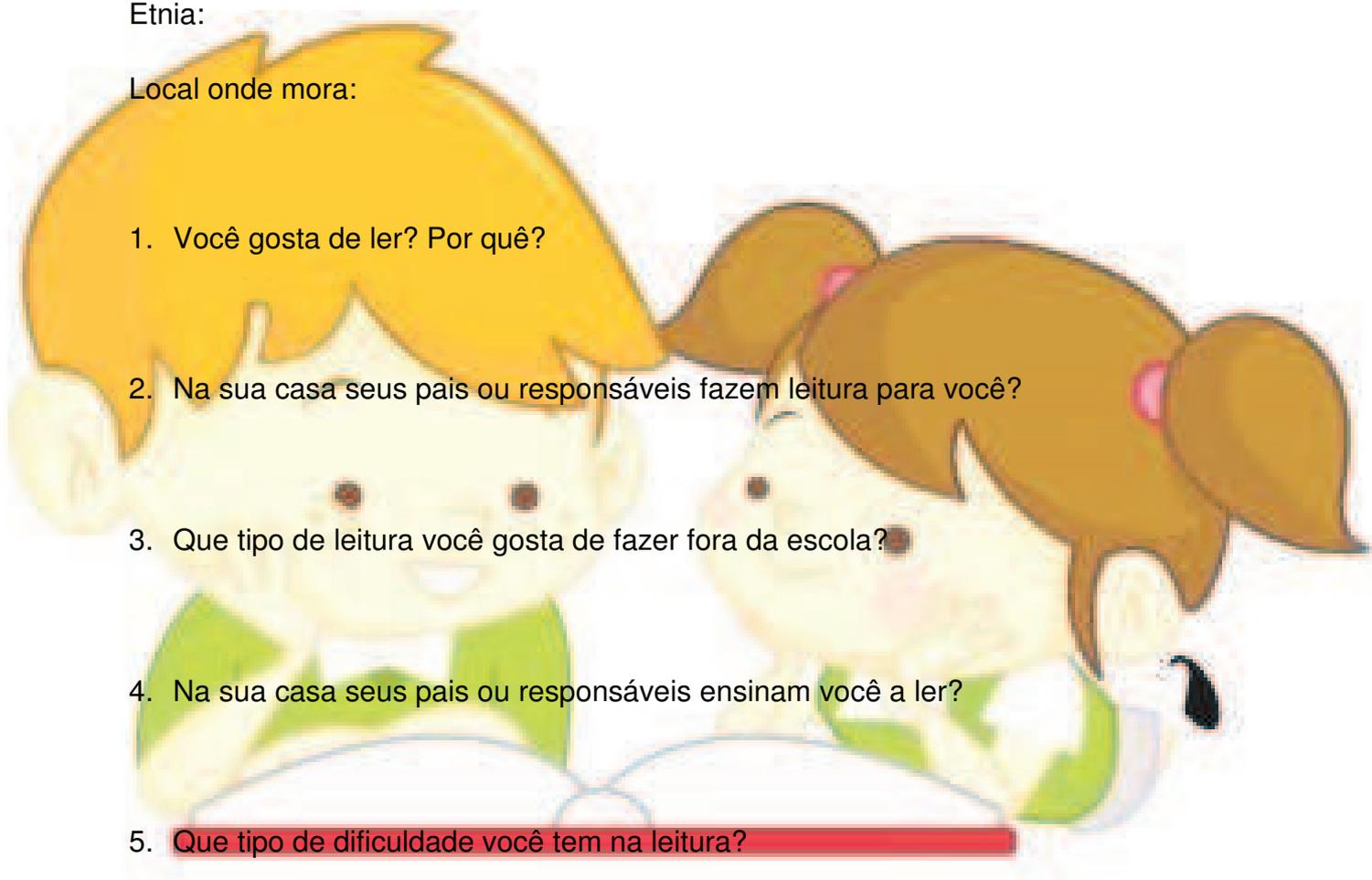
1. Você gosta de ler? Por quê?

2. Na sua casa seus pais ou responsáveis fazem leitura para você?

3. Que tipo de leitura você gosta de fazer fora da escola?

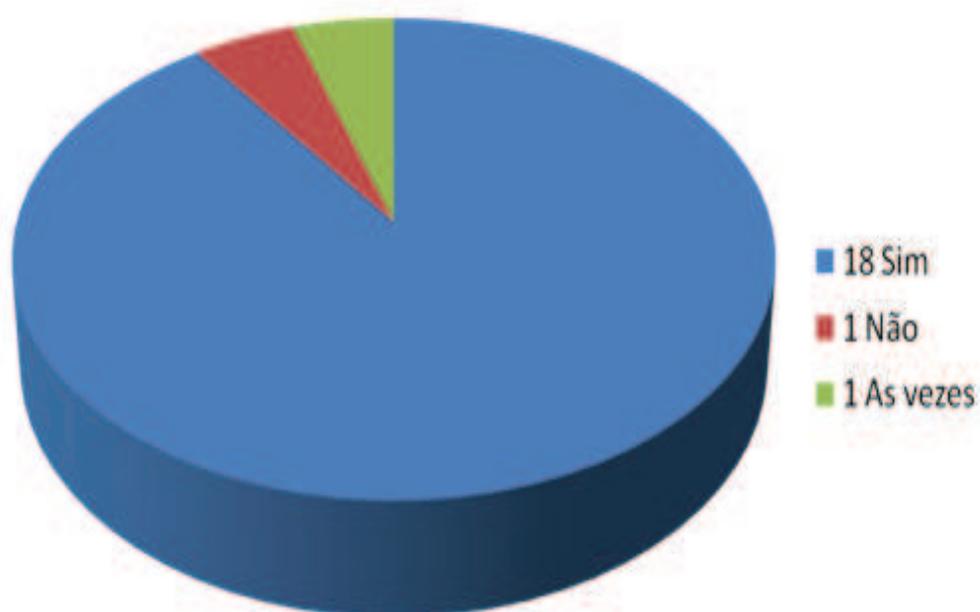
4. Na sua casa seus pais ou responsáveis ensinam você a ler?

5. **Que tipo de dificuldade você tem na leitura?**



Dados da pesquisa

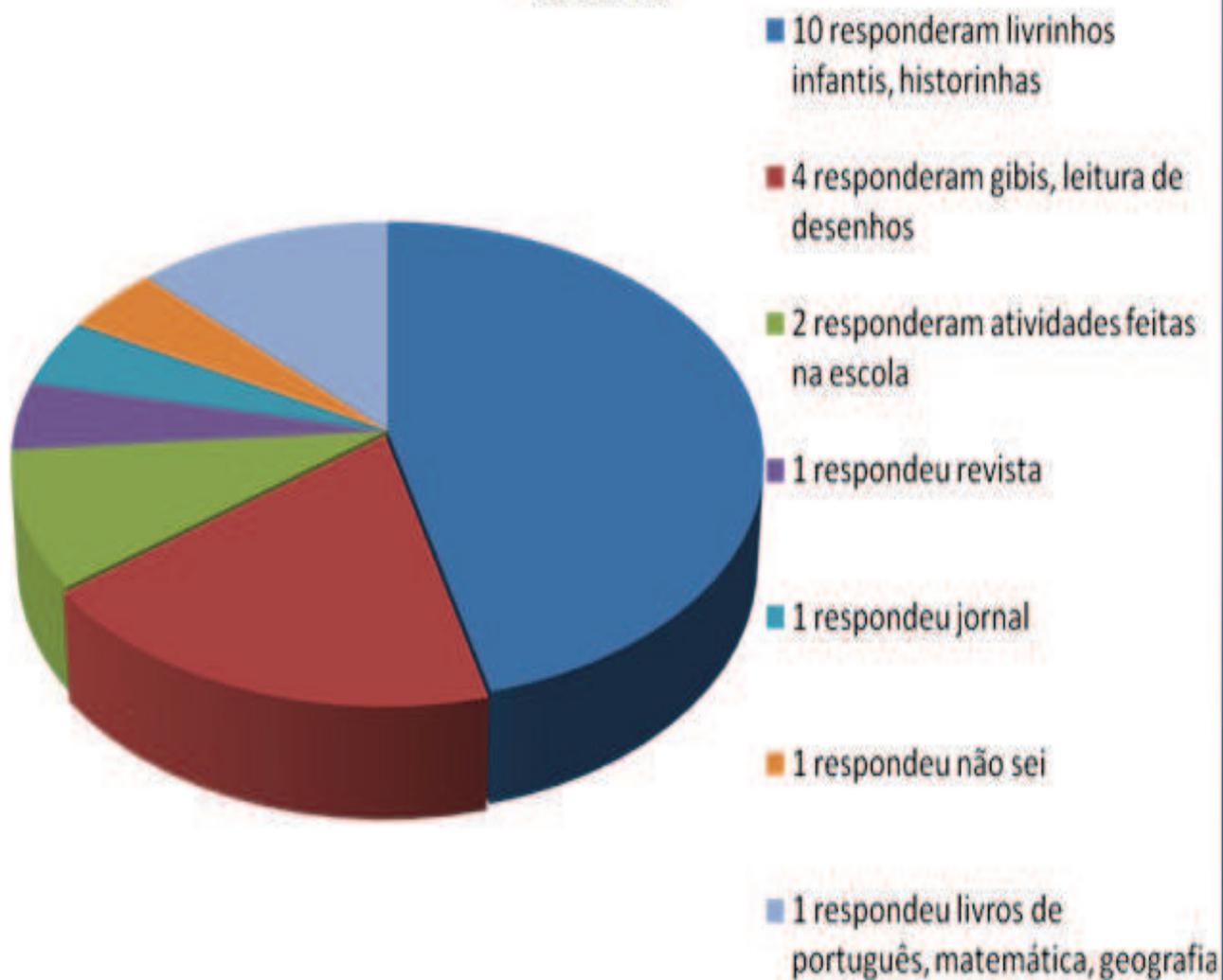
1) Você gosta de ler? Por quê?



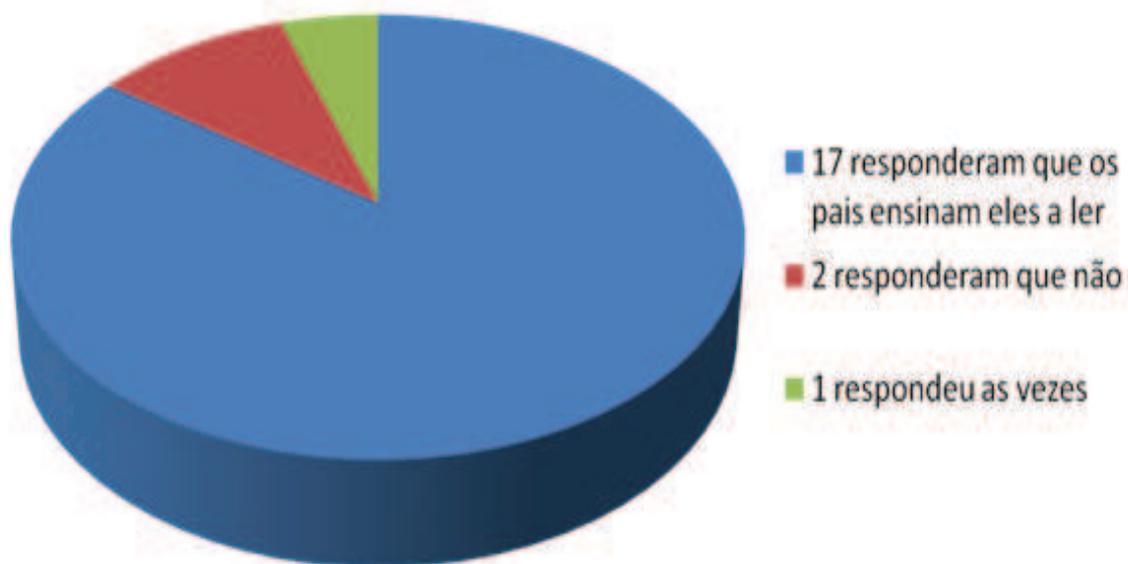
2. Na sua casa seus pais ou responsáveis fazem leitura para você?



3. Que tipo de leitura você gosta de fazer fora da escola?



4. Na sua casa seus pais ou responsáveis ensinam você a ler?



5. Que tipo de dificuldade você tem na leitura?

